

ADUBAÇÃO DÔ AMOREIRAL

ANTONIO CASTILHO RÚBIA

Serviço de Sericicultura — Campinas

A escassez das adubações e sua aplicação incorreta têm sido para a amoreira, um fator limitante à sua produção de fôlhas, alimento básico à alimentação do bicho da sêda. A prática da adubação da amoreira deve ser encarada sob dois aspectos distintos: adubação orgânica e adubação mineral, que se completam no todo, quando executadas racionalmente e na ocasião propícia. A ausência de qualquer uma delas no programa de adubação, limita o alcance da outra e a produção esperada de fôlhas. Daí, a conveniência da adubação da amoreira, ser considerada como segue:

ADUBAÇÃO ORGÂNICA

Geralmente os solos do Estado são pobres em matéria orgânica e em consequência é pequeno o teor em humus, que é o responsável direto pela flora microbiana do solo, tão necessária ao bom desenvolvimento da planta.

Para a maior retenção dos adubos minerais no solo e mais tarde seu melhor aproveitamento pelas raízes da planta, é necessário que o mesmo possua razoável quantidade de matéria orgânica.

No caso da amoreira, grande produtora de ramos e fôlhas, que são periodicamente retiradas pelas colheitas para a alimentação do bicho da sêda, a quantidade de azôto retirada é muito grande. Para que êsse elemento, principal constituinte da matéria orgânica, não venha a faltar e assim determinar a diminuição da produção daqueles órgãos, é necessário restituilo ao solo pelo emprêgo da adubação orgânica. Contudo, deve ser suplementada pela adubação química completa, porque apesar de ser bastante rica em azôto, a sua transformação é mais

lenta e demorado efeito na planta. Acresce-se ainda, que a matéria orgânica é pobre em fosforo e potássio.

Para adubar seu amoreiral, o sericicultor pode empregar qualquer tipo de matéria orgânica que possua na propriedade. Se tiver estêrco de curral, aconselha-se aplicá-lo na quantidade de 20 litros por planta, dispondo-o em sulco de mais ou menos cinco centímetros de profundidade, aberto em corôa na projeção da copa. No caso que êsse estêrco seja verde, portanto prejudicial às raízes da amoreira, deve-se colocá-lo no meio das ruas do amoreiral, também na mesma quantidade, porém bem misturado com a terra do sulco.

Se hoje, as tortas de algodão e de amendoim não fossem tão caras, elas poderiam ser empregadas em lugar do estêrco com melhor resultado e na proporção de um quilo por planta, também aplicadas no sulco.

O terriço, os restos de culturas e de beneficiamento como: capins, pedaços de colmos de milho, bagaço de cana de açúcar, casca de café, palha e casca de arroz, serrapilheira, etc., atendem bastante à exigência da amoreira. Para o melhor aproveitamento, devem ser colocados ou distribuídos em cobertura entre as ruas do amoreiral, com as seguintes vantagens: a) conserva por muito tempo a umidade do solo; b) reduz sensivelmente a ocorrência e o desenvolvimento das ervas más, principalmente aquelas que brotam no início das chuvas; c) aumenta a retenção das chuvas e evita a erosão do solo; e, d) em decorrência disso tudo, diminue as despesas com as capinas.

A aplicação ou distribuição dos materiais acima, pode ser feita em qualquer época do ano. Se houver facilidade e grande número de braços na propriedade, êsse material poderá ser enriquecido em azôto pela aspersão de salitre do Chile, na base de 50 gramas por litro de água.

Por outro lado, se a quantidade daqueles materiais não atender todo o amoreiral, a adubação poderá ser feita em ruas alternadas, e no fim do quarto ano estará completada.

Outra fonte fornecedora de grande volume de matéria orgânica e de azôto é a representada pelas plantas leguminosas, como: mucuna, feijão de porco, feijão lab-lab, crotalarias, etc., que semeadas entre as ruas das plantas no início da estação chuvosa, quatro meses depois serão tombadas e picadas pela grade de disco ou pelo rôlo-faca e deixadas sobre o solo até a entrada da primavera.

O único cuidado que se deve tomar é não deixa-las frutificar para não esgotarem ainda mais o solo e infestar o amoreiral, principalmente no caso da mucuna.

ADUBAÇÃO MINERAL

É um complemento necessário de qualquer tipo de adubação orgânica, porque além de possuir o azoto na forma mais solúvel, portanto logo aproveitado pela amoreira, apresenta-se rica isto é, com grande teor em fosforo e potássio, o que não ocorre no caso da primeira. Daí a necessidade do emprêgo dos adubos minerais, sem o que, como foi mencionado no início, limita a produção de ramos e fôlhas da amoreira.

Ao contrário da adubação orgânica, a adubação mineral deve ser racional para apenas restituir ao solo os elementos em escassez. Aconselha-se por isso, que antes de qualquer adubação mineral, o sericultor mande fazer uma análise química do solo. Porém, áquele que por qualquer motivo não possa providenciar a mesma, aconselha-se a seguinte fórmula de adubação :

Salitre do Chile	400 g por planta
Ou Sulfato de amônio	300 g por planta
Superfosfato	150 g por planta
Cloreto de potássio	200 g por planta

A mistura dos adubos minerais acima, deve ser feita de preferência para ser aplicada no mesmo dia, para evitar que tanto o salitre do Chile ou o sulfato de amônio, forme com os demais componentes uma pasta de difícil aplicação.

A melhor época da adubação mineral é sempre depois de alguma chuva, quando a umidade do solo permite a solubilização dos adubos, porque se aplicados na sêca, principalmente os azotados, podem ocasionar desidratação das raízes e trazerem como consequência a queima da planta. Por outro lado, aconselha-se que a dose acima do salitre do Chile ou do sulfato de amônio, seja aplicada em duas vezes, uma separada da outra no intervalo de mais ou menos 50 dias, e sempre após alguma chuva. Isto porque sendo muito solúveis, se perdem bastante pela lavagem do solo na ocasião das chuvas.

Para que as qualidades fertilizantes dêses adubos minerais não se alterem em presença do calcário na ocasião da calagem, esta deverá ser feita de 30 a 50 dias de antecedência à aplicação daqueles.

O melhor modo da aplicação dos adubos minerais é sempre em cobertura ao solo, devendo ser colocados na projeção da copa da planta, onde podem ser mais bem aproveitados pelas suas raízes.